

ARQUEOLOGIA E TEORIA QUEER: POR UMA ARQUEOLOGIA TRANSVIADA

Khala Anderson de Oliveira Gomes¹
Natalia de Oliveira Tavares²
Newan Acacio Oliveira de Souza³

RESUMO

Em decorrência do Projeto de Modernidade que está em vigor na realidade de nós, brasileiros, apresentaremos um artigo que coloca em pauta a legitimação do reconhecimento da população LGBTQI+ a respeito de uma categoria de gênero: o sujeito Queer. Através da organização de duas oficinas realizadas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e na Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), equipadas com nosso tripé metodológico - isto é, informação, construção e sensibilização -, fomos capazes de dialogar com aproximadamente 80 estudantes sobre Arqueologia e a Teoria Queer. Intitulado como *Arqueologia e Teoria Queer: por uma Arqueologia Transviada*, a oficina possibilitou elucidar os questionamentos levantados por Gontijo & Schaan (2017) através da ratificação do indivíduo transviado que fica subalterno mediante a vigente binariedade de gênero, delimitada pelos valores da cultura ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, Teoria Queer, Transviado, Decolonialidade, LGBTQI+

ABSTRACT

As a consequence of the Project of Modernity that is in force in the reality of us Brazilians, we will present a paper that puts in question the legitimation of the recognition of the LGBTQI + population regarding a category of gender: the Queer subject. Through the organization of two workshops held at the Universidade Federal do Rio Grande (FURG) and the Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), equipped with our methodological tripod - that is, information, construction and sensitization - we were able to dialogue with approximately

¹ Bacharelada em Arqueologia, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

² Bacharelada em Arqueologia, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

³ Bacharelada em Arqueologia, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

80 students on Archeology and the Queer Theory. Entitled *Arqueologia e Teoria Queer: por uma Arqueologia Transviada*, the workshop made it possible to elucidate the questions posed by Gontijo & Schaan (2017) through the ratification of the subordinated individual who is subordinate through the current binarity of gender, delimited by the values of Western culture.

KEYWORDS: Archaeology, Queer Theory, Transviado, Decoloniality, LGBTQI+

RESUMEN

En consecuencia del Proyecto de Modernidad que está en vigor en la realidad de nosotros, brasileños, presentaremos un artículo que pone en pauta la legitimación del reconocimiento de la población LGBTQI+ respecto a una categoría de género: el sujeto Queer. A través de la organización de dos talleres realizados en la Universidade Federal do Rio Grande (FURG) y en la Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), equipados con nuestro trípode metodológico -es decir, información, construcción y sensibilización-, fuimos capaces de dialogar con aproximadamente 80 estudiantes sobre Arqueología y la Teoría Queer. Titulada como *Arqueologia e Teoria Queer: por uma Arqueologia Transviada*, el taller posibilitó elucidar los cuestionamientos planteados por Gontijo & Schaan (2017) a través de la ratificación del individuo transviado que queda subalterno mediante la vigente binariedad en los géneros occidentales.

PALABRAS-CLAVE: Arqueología, Teoría Queer, Transviado, Decolonialidad, LGBTQI+

PRIMEIROS LACRES

“Nois já tá blindada e até armada porque respeito tá sendo conversa fiada”

(QUEBRADA QUEER, 2018)

A oportunidade de vivenciar o cotidiano familiar que, através da ciência cada vez se torna mais desconhecido (VELHO, 1987), possibilita a reflexão dos fatos que não nos permitem atingir um grau satisfatório para a vivência de todos os indivíduos ocupantes do território brasileiro. Assim, mediante a tamanha violência disseminada em determinada população, iremos nos aprofundar na temática Queer que, estabelece discussões sobre a

imposição dos valores construídos para que as pessoas se encaixem em padrões heterossexuais, subalternizando as pessoas que se consideram LGBTQI+. Como podemos associar a Arqueologia com este assunto que está em pauta nos dias de hoje, para legitimar a subalternidade dos crimes cometidos contra essa população? Através de leituras e vivências fomos capazes de nos aprofundar nos entendimentos de um corpo transgressor, parte de uma sociedade que ora os erotiza, ora o demoniza ou invisibiliza.

Enquanto sujeitos queers estudantes de Arqueologia, buscamos propor uma ciência que passe a pensar nos aspectos de uma sociedade que é montada pelos processos colonizadores; uma ciência que pense nas formatações binárias de gênero e as consequências de uma heteronormatividade compulsória (GONTIJO & SCHAAN, 2017), através das contradições mediante as singularidades que, na verdade são múltiplas e ambíguas. Trazemos, portanto, a proposta de uma ciência menos alienada e mais crítica, iniciando a discussão de assuntos antes desconsiderados: se discute gênero e sexualidade na Arqueologia sim! E como fazemos isto?

Estos términos nunca fueron incluidos em la tradición positivista de la Arqueología, que proyectaba al pasado el pretendido orden neutral – aunque em realidad patriarcal – de la sociedad moderna. (...) Sólo de esta manera será posible comprender la compleja y dinámica construcción de la identidad humana, y a través de ella, de la identidad de género. (Gonzalo, 2007, p. 167)

Ao nos depararmos com a inexistência de uma “fórmula arqueológica” que, possibilitasse a construção de uma plataforma que produzisse um “laudo” científico, de acordo com constatação da inaceitável marginalização de parte da população brasileira. Com resultado de nossas ações e reações arqueológicas em conjunto com a Teoria Queer, apresentaremos em nosso artigo, a forma como o seminário que apresentamos na disciplina de Teorias Arqueológicas III, transformou-se em nossa primeira oficina, ministrada na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), seguida pelo carinhoso convite de ministrarmos novamente na Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), intitulada *Arqueologia e Teoria Queer: por uma Arqueologia Transviada*. Além do público estudante que atingimos nas universidades onde ocorreram as oficinas, fomos capazes de apresentar um bloco de

uma rádio em Pelotas - *Nós, nosotros: antropofonias e charlas* -, no episódio *Teoria Queer e Diversidade*.

Neste artigo juntaremos nossas experiências individuais, em uma inscrição coletiva, destacando o próximo tópico, *Um contraste da Arqueologia com a Teoria Queer*, que abordará como misturamos a Arqueologia com a Teoria Queer. O seguinte tópico, *Uma Arqueologia transviada brasileira?*, constituído pelas nossas aspirações enquanto pesquisadores e sujeitos *queers*, para a representação de uma ciência brasileira, cada vez menos, excludente e elitista. Contaremos os detalhes mais específicos de nosso trabalho, no tópico intitulado *Oficinando*. Por fim, encerraremos nosso contato escrito no tópico, *Juventude Transviada quer viver*, que estabelecerá a reunião do que se foi debatido durante o texto, para uma futura reflexão. Aproveite o conteúdo das imagens para visualizar o nosso trabalho em formato visual e se divirta com o nosso *Kit Gay*.

UM CONTRASTE DA ARQUEOLOGIA COM A TEORIA QUEER

Através das diretrizes traçadas pelas correntes teóricas, não apenas na Arqueologia, mas na ciência em geral dos anos 60 e 70 (TRIGGER, 2004), podemos alcançar estudos científicos que corroboravam com uma agenda política completamente segregada e limitada – e até mesmo racista –, constituída por homens, brancos, heterossexuais e cis gêneros, agentes de uma perspectiva elitista e burguesa ocidental. A tentativa de construir um sentimento de nação nos países colonizados pela Europa, como o Brasil, enaltecia apenas uma determinada cultura, considerada como a única possível civilização. Assim, um Projeto de Modernidade passa a entrar em vigor nestes países, carregando pressupostos e ideais de cultura homogênea europeia (LUCAS, 2004). A ciência arqueológica, portanto, alinhada à essa agenda passou a assumir uma autoridade em construir narrativas excludentes de uma complexa realidade composta por múltiplas possibilidades.

A partir dos anos 80, esse modelo começa a ser lentamente questionado, quando a ciência passa a legitimar algumas narrativas subalternas, como a Arqueologia Histórica que pela primeira vez quebra o silêncio ao admitir estudos da escravidão. Logo, os arqueólogos ao perceberem o potencial político que a Arqueologia exercia de forma arbitrária, ou não, assumem o dever de elucidar os acontecimentos entre pessoas e coisas, condizentes com sua própria realidade (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008).

Ao colocarmos em pauta, uma Arqueologia que possibilita o estudo dos acontecimentos da sociedade e cultura do nosso contemporâneo, isto é, do agora (TRAMASOLI, 2017), abrimos a possibilidade de acompanhar a intensidade em que o Projeto da Modernidade exerce no modo de vida e mentalidade da população, visando que a Teoria da Decolonialidade levanta a forma como o pensamento colonial se apropria dos nossos entendimentos do ser, saber e poder. Nesse aspecto, a Teoria Queer possibilita a execução de uma Arqueologia que traduza como as noções naturalizadas sustentam e repercutem uma hierarquia nos gêneros, acarretando a uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003).

Para que se possa aliviar os anseios daqueles que não possuem o privilégio de interpretar as importantes abordagens reunidas por Judith Butler sobre gênero, faço o convite para um breve estranhamento do agora, onde podemos observar duas categorias de gênero consideradas como brasileiras, isto é, o homem e a mulher que, são construídas no Brasil com o processo de colonização. Assim, necessitamos compreender como a complexidade dos nossos valores de convívio sociocultural, atribuem na consolidação de um sistema patriarcal que, seleciona partes da fluidez presente em nossa cultura, descartando outras possibilidades, negligenciadas a uma realidade subalterna.

Através da resistência de Herculine Barbin, os estudos arqueológicos foram capazes de serem misturados com a Teoria Queer, elucidando no trabalho de Roedel (2017) o peso do discurso naturalista nas normas socioculturais para as capacitações presentes em cada gênero, extrapolando o grau moral de um indivíduo que nasce *intersex* - de caráter pejorativo, hermafrodita - e, por sua vez, enfrenta o seu destino final para o famoso suicídio previsto por Durkheim (1982).

Com o extermínio de grande parcela das populações nativas da região, a instalação do poder burguês do século XVII ao XIX, deixaram nítidas marcas nos objetos e costumes de nosso passado recente. A precisão em que a cultura dos imigrantes avançava nas áreas mais nobres do trópico, acarretavam no desenvolvimento do papel fundamental entre as características dominantes/subversivas de gênero, que ainda são capacitadas ao justificar as moralidades exercidas de nossa cultura no agora (DE BEAUVOIR, 2005). Em específico no século XIX, a categoria de gênero criada para os nascidos machos já estava fortemente cristalizada através da definição de um ser que tem seu comportamento – ou performance – representado como homem. As influências geradas pela dualização kantiana, demonstram como a divisão binária dos seres ordenam os papéis sociais que serão exercidos pelos

indivíduos, implicando no domínio de uma cultura heteronormativa que, se reflete nos significados empregados nos objetos e nas coisas, integrantes de nossos corpos e ambientes.

Enquanto o homem partilhava do poder nos espaços públicos, a fêmea construía-se na categoria de mulher, ocupando socialmente um lugar nos espaços privados da casa. Dentre os acontecimentos fenomenológicos responsáveis pelo desenvolvimento da teoria feminista na Arqueologia, destaca-se o trabalho de Lima (1997) – *Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista* – que, analisa a forma como os objetos de louças forjavam um cenário para atividades exercidas por mulheres nas casas burguesas do Brasil, assumindo a responsabilidade de desempenhar pela primeira vez uma cerimônia com total autonomia. Enquanto o espaço do jantar estava reservado para as brilhantes negociações entre homens, o ritual do chá agregava para a rotina da família o belo estado de delicadeza, conforto e doçura, otimizando a solene feminilidade que deve ser carregada por cada mulher.

Somente com o fortalecimento da corrente feminista, Judith Butler (2003) foi capaz de estabelecer uma crítica que ultrapassava os pressupostos do próprio feminismo, reconhecendo a solidificação do gênero através de performances interpretadas pelas pessoas. Com o propósito, então, de reconhecer os danos socioculturais causados pelos papéis incoerentes nas funções específicas para os homens e para as mulheres, a constante reprodução de uma heterossexualidade compulsória submete todo o histórico vital de um indivíduo a partir de seu corpo biológico, definido em seu nascimento e justificado pelos discursos equivocados de leis da natureza.

Logo, as raízes determinantes na fixação de um gênero (BUTLER, 2003), por consequência, passam a aferir nossas capacidades cognitivas que, inconscientemente podemos notar essa repetição traduzida pela imposição tal padrão, sendo fruto da construção desses dois gêneros e que, teoricamente são capazes de representar a vida todos os brasileiros. É verdade que só podem existir homens ou mulheres, mesmo quando nos deparamos com muitas bixas por aí? A Teoria Queer, portanto, busca exaltar a variação em que temos entre todas as pessoas, apresentando, de fato, o desconhecido sujeito *estranho*.

Muitos questionamentos tentem a ser colocados em pauta quando o assunto se trata da Teoria da Decolonialidade. Estamos imersos na mistura ontológica de predomínio ocidental, que continua seguindo os padrões e regras coloniais, mediante a substituição da discrepância de um sistema escravista pelo progresso utópico de uma sociedade capitalista. A consequência do aumento de influência da classe burguesa no mundo (ver LIMA, 1996), sobrevivente da modernidade que explora pessoas e terras em nosso precioso Trópico, para a manutenção e garantia de poder. Logo, a compulsividade de uma ordem hegemônica, acarreta na montagem de um sistema que parte dos pressupostos ocidentais, personificando um domínio que limita as construções do ser, do saber e do poder (MIGNOLO, 2010).

Enquanto os estudos de Simone de Beauvoir(2005) se aproximam da luta contra um saber moral instituídos pelos propósitos e vontades do homem ocidental, Judith Butler (2003) nos possibilita uma leitura que esclarece os equívocos entendimentos entre gênero biológico (Homo) vs gênero cultural (homem, mulher: construções do ocidente), onde a expressão do ser passa a se confundir com o sexo considerado normativo (macho, fêmea), mesmo existindo cinco possibilidades de definição para o sexo biológico: metamacho, macho, intersex, fêmea, metafêmea.

UMA ARQUEOLOGIA TRANSVIADA BRASILEIRA?

Para que, de fato, a ciência possa contribuir com a Teoria da Decolonialidade por uma *descolonização*, é imprescindível que haja maior fluidez entre as disciplinas – uma Arqueologia que extrapole as razões materiais e se assuma como Antropologia; uma Antropologia que se posicione politicamente mediante as imposições que lesionam parte de nossa nação –, afinal, toda a composição sociocultural de um país democrático depende da legitimação jurídica e epistemológica, formatada pela vigente ontologia que segue a agenda da implantação de uma Modernidade.

Um grande exemplo pode ser visualizado pela nossa atual Ministra da Cultura que, mesmo envolvida em diversos escândalos como o suposto sequestro de uma criança indígena, utiliza nitidamente as estratégias de terror e pânico das Igrejas Medievais europeias, como forma de controle político das massas que possuem pouco – ou nenhum –

acesso a informações de fontes confiáveis. “Menino veste azul e menina veste rosa”, comentário que entristeceu a mentalidade de nossas próprias crianças que possuem o conhecimento da liberdade vestir o que quiser.

Sejam as cores ou formatos na costura de nossas vestimentas, temos a marcação do poder que apenas este objeto exerce para a definição da performance dos indivíduos. Logo, o mesmo indivíduo – seja macho ou fêmea – que decidir utilizar uma bermuda ou uma saia, dependerá de sua genitália para o acolhimento ou desprezo no universo cultural normativo. A famosa saia escocesa *kilt*, utilizada de forma normativa pelos machos do país, ilustra detalhadamente a costura de um pedaço, traduzido como uma vestimenta moral que, um macho brasileiro jamais poderia utilizar. Tal exemplificação fora ilustrada por conta de situações particulares aos autores, onde se tem conhecimento de um professor da rede pública de ensino de São Paulo que algumas vezes comparecia as aulas com tal vestimenta e, mesmo se reconhecendo como homem e hétero, relatava diversos assédios e agressões que sofria ao sair para locais públicos – para as ruas de São Paulo.

O domínio vigente de uma sociedade que é montada com o pensamento binário gera diversas consequências na compreensão do complexo mundo que vivemos, uma vez que se as pessoas são hegemonicamente polarizadas, nossas coisas também serão produzidas em função desta própria delimitação. Os objetos dos estudos arqueológicos, isto é, as materialidades, não dão conta da dimensão de influências que o sistema binário exerce na vida dos indivíduos. Podemos observar, por exemplo, a forma como nossa própria linguística se constitui de maneira impessoal, nos submetendo a uma retratação sexual binária em cada pronome, adjetivo ou artigos que utilizamos em nossos cotidianos. As formatações dos indivíduos que fogem dos padrões binários e heteronormativos, acabam por serem negligenciadas através da imposição do pensamento moderno e ocidental que, por reação a esta indolência, fortificam-se resistências para que haja o reconhecimento de uma nova categoria sociocultural, o sujeito Queer que se qualifica como *transviado*.

O termo transviado retoma o cenário da década de 50 onde o mundo lidava com as feridas ainda recentes de guerras travadas em prol de interesses políticos, econômicos, sociais e culturais específicos de nações ditas centrais. Transviado seria aquele jovem que “transviou-se”, ou seja, interrompeu seu papel como indivíduo em dado lugar na sociedade ao desobedecer às regras estipuladas pelas suas instituições familiares e de Estado, o

famigerado rebelde sem causa. Muitas décadas depois, pesquisadores e militantes vêm o utilizando a fim de adaptar e reestruturar os dogmas da Teoria Queer à realidade brasileira.

Além do próprio significado que a justaposição das palavras *trans* e *viado* possuem para a comunidade LGBTQI+ ao buscar ilustrar aspectos de gênero e sexualidade de modo geral, o termo transviado resgata sua memória primordial ao satirizar o fato de que indivíduos que se reconhecem como tal são transgressores das regras sociais enraizadas e estruturadas no modo de vida brasileiro. Tal como o termo *queer* aos anglófonos – utilizado como ofensa a todos aqueles que desviam da norma cis-heterossexual – o transviado se apropria do teor negativo e histórico da palavra e a ressignifica como símbolo de resistência a partir de um modo de pensar e ser que não aceita mais ser marginalizado.

A falta de um termo chave que englobe todas as identidades que embatem o padrão dicotômico imperioso do *ser* cunhado na perspectiva ocidental não pode ser um obstáculo às discussões que vêm sendo (re)estruturadas dentro da academia brasileira. De certa forma, não nos deparamos com transviados e transviadas, mas cotidianamente os termos como *viado*, *bicha*, *travesti*, *traveco*, *sapatão* e tantos outros não fogem a nossa lembrança, utilizados como armas que visam manter uma ordem social vigente ao menosprezar e humilhar pessoas que não se enquadram em tal ordem. Independentemente, esses sujeitos estão reunidos pelo amplo guarda-chuva que é a Teoria Queer, ou por nossa defesa – e apelo – a Teoria Transviada.

Não trata-se de uma nova teoria e nem uma livre tradução da própria *queer*, mas sim um conjunto de ideias acerca de identidades de gênero e sexuais que se articulam livremente a fim de desestruturar noções fortemente naturalizadas e limitantes. Os corpos que são moldados no cenário de um país continental e periférico como o Brasil não correspondem aos mesmos corpos norte-americanos, embora formas de agir, pensar e ser sejam ecoadas todos os dias por aqueles que não só detém o poder capital como o cultural, elas chegam as margens globais e imediatamente são ressignificadas a partir de nossas próprias vivências, uma percepção que torne inteligível o turbilhão de imposições que chegam até nós.

Além das próprias singularidades as quais o Brasil discute e lida com assuntos relacionados a gênero e sexualidade – é só dar uma breve verificada nos principais veículos de comunicação ao noticiar a luta contra o espectro imaginário da ideologia de gênero. A própria recepção de Judith Butler no país em 2017, coloca em cheque o fato de estarmos vivendo reflexos melancólicos e sangrentos de mais de 300 anos de escravidão de pessoas

meramente por sua diferença de cor, e a concentração de renda e a desigualdade estarem cada vez mais acentuada, nos dá mais diretrizes para uma trama complexa que deve ser vista sob um olhar mais profundo. Esse olhar pode estar a serviço da arqueologia ao entender

“o corpo como sistema de signos que só pode ser decodificado se culturalmente localizado. As construções e significações que o envolvem são distintas e estão imbricadas em diversas tramas de práticas sociais, que variam histórica e culturalmente.” (ROEDEL, 2017, p.78)

e assim, questionar as estruturas de categorias culturalmente construídas a fim de criar um entendimento maior e difundido sobre a pluralidade de performances humanas, afinal “o futuro é sempre construído a partir de percepções que se tem do passado” (GONTIJO & SCHAAN, 2017).

OFICINANDO

A princípio, nossa oficina começou a ser pensada mediante um trabalho que fizemos na disciplina *Teorias Arqueológicas III*, orientado pelo professor José Alberione do Reis onde, grandes questionamentos foram levantados – como *lugar de fala, representatividade e resistência* –; termos essenciais para a elaboração das oficinas. Conseguimos debater com um público de aproximadamente 80 pessoas que, consideramos relevante para a epistemologia acadêmica. Ideias que ultrapassam o sólido saber colonial e transitam entre a legitimação da própria existência do indivíduo, isto é, reconhecer a capacidade ambígua na moral de se tornar um ser (DEBEAUVOIR, 2005), foram discutidas, amarrando os saberes teóricos de temática Queer com a variedade de performances retratadas pelos participantes nas oficinas.

A consolidação da oficina se deu inicialmente durante os debates da semana acadêmica do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), o qual fazemos parte, onde permearam questões coniventes com o assunto central da violência e

tantas outras ramificações a partir desse tema. Para tanto, propomos a realização de tal atividade com o intuito de discutir, expor e construir temáticas aliadas a teoria queer dentro do que realizamos e compreendemos como Arqueologia. O suporte para a realização da oficina girou em torno de três eixos metodológicos: informação, construção e sensibilização, onde o apoio dos participantes nas discussões gerais orientou a dinâmica geral da atividade.

Além dessa primeira experiência, a qual se constituiu em um espaço de descobertas devido à falta de conhecimento acerca da teoria queer dentre a maioria dos participantes, a oficina ainda contou com uma segunda edição realizada na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde algumas discussões puderam ser mais aprofundadas devido ao conhecimento prévio sobre alguns pontos da teoria queer expostos por alguns participantes de tal oficina. Apesar desse pequeno detalhe, as oficinas possuíam semelhanças e diferenças fruto de cada indivíduo e sua própria trajetória dentro e fora da academia que tornaram aquelas momentos únicos enquanto espaços de diálogo e relações sem hierarquias, ou seja, qualquer contribuição de opiniões e questionamentos eram válidas no enriquecimento e construção de conhecimentos, exceto quando essas se colocavam como racistas, lgbtfóbica ou classista.

Em ambas as edições da oficina, a tentativa foi criar um espaço de entrega, de perguntas, de opiniões e de afeto, minimamente, enquanto sujeitos queer e aqueles que assim não se identificam tivessem a oportunidade de se sensibilizar com as vivências, questionamentos, violências e transgressões. *Informação, construção e sensibilização*. O tripé de sustentação da oficina foi criado com o intuito, de não se esvaziar enquanto um espaço de conhecimento científico, e pessoal, mas sim como um caminho para preencher afetivamente e espacialmente. Ao pensar na oficina, enquanto estudantes de graduação e que, em alguns momentos, participam de momentos como esses, nos possibilitamos criar um local de aconchego para todos os envolvidos. Nós tivemos, decoração, doces, músicas, risos e lágrimas preenchendo esses espaços, o objetivo era que o máximo de pessoas se sentissem confortáveis a se expor, confrontar, perguntar e de alguma forma repensar suas próprias concepções.



Figura 1. Fotografia dos ministrantes da oficina durante sua primeira edição, na Universidade Federal do Rio Grande. Da esquerda para a direita: Natália Tavares, Khala Gomes e Newan Souza.

Não tivemos um roteiro claro e objetivo, mas para nossos propósitos, o de incomodar e escutar mais do que falar, esse formato rendeu frutos, aproximação e debates que, pessoalmente, nos marcaram como indivíduos e futuros cientistas. O propósito da oficina, em linhas gerais, fora alcançado porque criou um espaço em que nossas discussões foram embasadas pelo âmago das subjetividades dos indivíduos e do que são as ciências humanas, e não uma discussão de métodos e números por si só, nos entregamos enquanto sujeitos sensíveis e propomos isso em troca aos participantes.



Figura 2. Arte de divulgação da segunda edição da oficina, realizada na Universidade Federal de Pelotas, com a apoio do GEEUR

JUVENTUDE TRANSVIADA QUER VIVER

Nós queremos viver. A juventude marginalizada e fora dos padrões quer e merece viver. Aqui, expomos como um dos tripés da nossa oficina, a sensibilização, questão primordial nas batalhas diárias que travamos e aquelas que pretendemos travar. A sensibilização do outro para as *nossas* mortes, faz-se necessária. Os números de assassinatos e todas as formas de violência não são vazios de significância. Eles dizem o quanto sofremos por transgredirmos padrões e concepções que nos foram impostas como algo a ser seguido, como algo cotidiano. Para Euzébio (2018), em seu trabalho intitulado *Do escuro ao infinito, da oficina ao artigo acadêmico: o pensar a partir das ações de um "pibdiano gay"*, as ciências sociais nasceram com o intuito de pensar o sujeito para com o mundo, e vice e versa, e estas não devem ficar alheias a tais questões. Para o autor a profusão de identidades e os currículos escolares devem estar relacionados a questões de gênero e sexualidade. O autor utiliza dados que comprovam a marca da violência para com indivíduos LGBTQI+ no Brasil, de acordo com o GGB em 2016 a cada 25 horas um indivíduo pertencente a tal comunidade é assassinado. E, de acordo com a ANTRA, 90% da população trans e travesti está se prostituindo (EUZÉBIO, RODRIGUES, 2017; EUZÉBIO, 2018). Inspirados pelos questionamentos de Euzébio, o fazemos de forma similar na Arqueologia, questionar por que assuntos como estes são invisibilizados dentro de tal ciência.

Nosso maior desafio abriga a necessidade de confrontar aquilo que consideramos familiar, evocando o estranhamento fenomenológico (TILLEY, 1994; 2001; 2014) de nossos corpos em relação a constatação de algumas formas e existências (DE BEAUVOIR, 2005; VELHO, 1987) que, por puro preconceito ocasionado pela ignorância, são constantemente forçadas ao esquecimento. Enfraquecidas e negligenciadas, essas existências são levadas a resistir, mantendo-se na luta pela sua legitimação.

Os estudos de Simone de Beauvoir e Judith Butler, em específico, foram capazes de apresentar uma nova perspectiva ontológica para o entendimento das nossas categorias gêneros, estabelecidas desde a coloração da roupa que deverá ser usada pela criança no dia de seu nascimento. Em contraponto das determinações binárias macho/fêmea pré-concebidas aos nossos anseios, a cultura em seu sentido mais amplo, apresenta o

misterioso universo em que indivíduos se montam de formas completamente distintas, indicando que devemos nos aprofundar mediante a essas distinções para que, por fim, sejamos capazes de transformar - lá em retorno. Assim, ao superarmos os pressupostos e equivocados saberes naturalistas, devemos dar o próximo passo para diagnosticar as corporalidades presentes nas regiões latino-americanas brasileiras (GONTIJO & SCHAAN, 2017).

Não se pode negar que a fixação dos gêneros masculino e feminino desconsideram a existência de uma parte da população brasileira que, por serem incapazes de se encaixar nessas vigentes categorias, confirmam a imprescindível necessidade da criação de uma terceira categoria nos gêneros, certificando a legitimação deste horizonte esfumado e presente no Brasil: criemos a categoria transviada para a certidão. De fato, fazemos parte de uma população muito marginalizada, que através de muita luta se aproxima para a conquista de um lugar que garanta a existência dos LGBTQI+. Somos as crianças gays da família que, confusos na ambiguidade de por vezes um viado, por outras uma bixa, clamamos pela admissão que represente os indivíduos transviados.

O KIT GAY: DESSA VEZ FOMOS LONGE DEMAIS

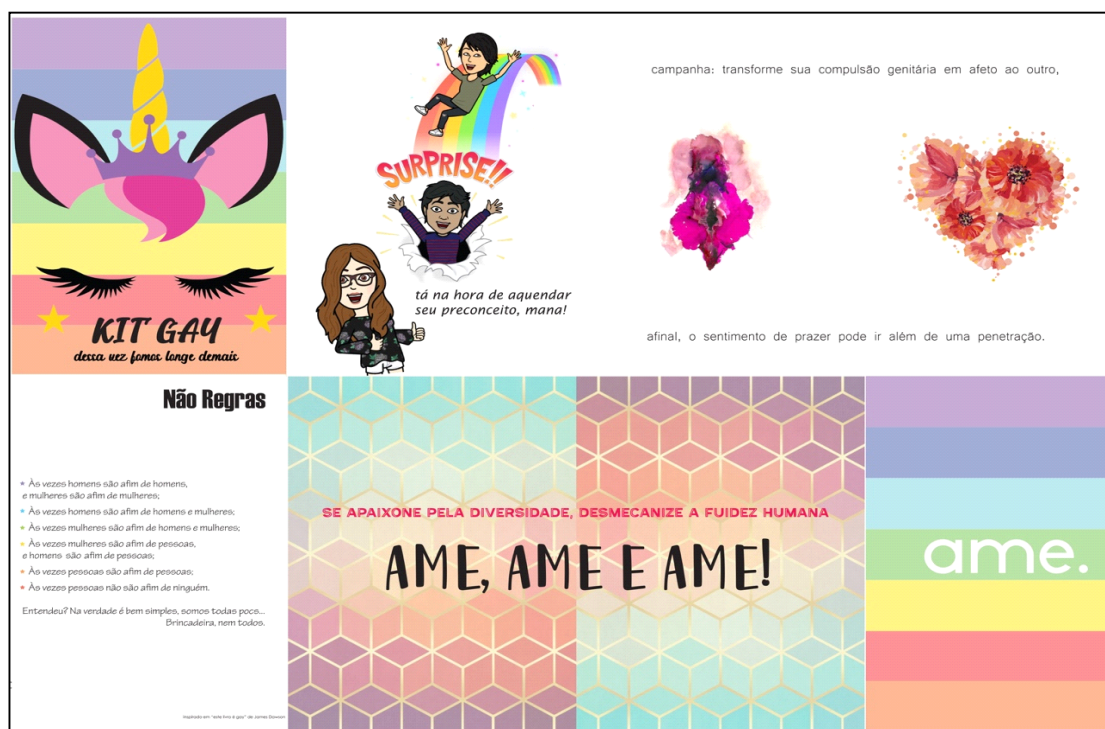


Figura 3. Autoria de Khala Gomes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE BEAUVOIR, Simone. Por uma moral da ambiguidade. Editora Nova Fronteira, 2005.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira, 2003.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio - Um Estudo Sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.

[EUZÉBIO, F. A.](#); RODRIGUES, V. B. . Bichas, Guardei no Armário: Youtube e Diversidade Sexual em Sala de Aula. In: SANTOS, Amanda Basilio; MACHADO, Juliana Porto; COLVERO, Ronaldo Bernardino.. (Org.). *Interdisciplinariedade nas Ciências Humanas: Caminhos da Pesquisa Contemporânea*. 01ed.Jagarão: CLAEC, 2017, v. 01, p. 2475-2484.

EUZÉBIO, Felipe Aurélio. Do escuro ao infinito, da oficina ao artigo acadêmico: o pensar a partir das ações de um “pibdiano gay”. In: LEITE, Vanessa Caldeira et al.. (Org). *Pibid-UFPel: a iniciação à docência sob o olhar de sujeitos de diferentes áreas do conhecimento (e-book)*. São Leopoldo: Oikos, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

GONTIJO, Fabiano de S.; SCHAAN, Denise Pahl. Sexualidade e Teoria Queer. Revista de Arqueologia, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 51-70, dez. 2017. ISSN 1982-1999. Disponível em:

<<https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/544>>

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Time to destroy. Na archaeology of supermodernity. *Current Anthropology*. 49(2): 247-279, 2008.

GONZALO, Almudena Hernando. Sexo, Género y Poder. Bree reflexión sobre algunos conceptos manejados em la Arqueologia del Género. *Complutum*. Vol. 18: 167-174, 2007.

LIMA, Tânia de Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista*, p. 93-127, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5350/6880>

LIMA, Tânia de Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, II (3): 44-96, Nov. 1995-Feb. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v2n3/a04v2n3.pdf>

LUCAS, Gavin. Modern Disturbances: On yhe Ambiguites fo Archaeology. *Modernism/Modernity*. 11, no. 1 (2004): 109-120. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/>

MIGNOLO, Walter. Desobediencia Epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Ediciones del Signo. 2010. Disponível em: <https://www.antropologiadeoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/mignolo-walter-desobediencia-epistc3a9mica-buenos-aires-ediciones-del-signo-2010.pdf>

ROEDEL, Luísa de Asis. O silêncio do corpo: a intersexualidade invizibilizada no cemitério do Bonfim. *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 71-85, dez. 2017. Disponível em: <https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/545>

TILLEY, Christopher. *A phenomenology of landscape: places, path and monuments*. Berg: Oxford, 1994

TILLEY, Christopher. *The materiality of stone*, Berg Publisher, 2004.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem uma perspectiva fenomenológica. *Revista Vestígios*. V. 8, n. 1, 2014.

TRAMASOLI, Felipe Benites. "Haja hoje p/ tanto ontem". *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 30, n. 1, p. 186-209, jul. 2017. ISSN 1982-1999. Disponível em: <https://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/518>

TRIGGER, Bruce G. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Editora Zahar, p. 123-132, 1987.